

Zilhã

CONHECIMENTO DO CARACTER DO CAPITAO-DE-FRAGATA  
NA RESERVA CALDEIRA FERREIRA DOS SANTOS

Depoimento de  
Sérgio Augusto Vicente Ribeiro Zilhão  
Cap-Frag Ref.

Os Anais do Clube Militar Naval publicaram em 1994 versões várias sobre a actuação da fragata " Almirante Gago Coutinho " no dia 25 de Abril de 1974.

O imediato da fragata na altura era o então 1º tenente Fernando Luís Caldeira Ferreira dos Santos, que se tem arvorado, com o apoio de alguns outros oficiais, em corajoso, leal e honrado protagonista dos acontecimentos naquele dia.

Estes traços da sua personalidade - coragem, lealdade e honradez - além de não serem confirmados na documentação credível a que pude ter acesso, nomeadamente a extractos do auto de averiguações de 1976 do almirante Santos Silva e ao estudo do coronel Fisher Lopes Pires , são, pelo contrário, frontalmente desmentidos neste depoimento que considerarei meu dever elaborar e que demonstra qual é o verdadeiro carácter do cte Caldeira Ferreira dos Santos.

Assim, passo a apresentar:

Em 1985, sendo eu Director da FIL ( Feira Internacional de Lisboa e principal Departamento da AIP - Associação Industrial Portuguesa ), pôs-se-me o problema de escolher um Director Adjunto para meu colaborador directo.

A FIL tinha-se separado da AIP entre 75-78. O retorno à tutela da AIP passara por um processo de características políticas difícil e turbulento, deixando diversas sequelas orgânicas e humanas. Daí que os desentendimentos entre os Chefes dos diversos Serviços da FIL fossem grandes, tanto na actividade profissional como no campo pessoal.

Tendo sido convidado para as minhas funções na FIL em 82 com a recomendação particular de combater este estado de coisas, tornou-se-me evidente que, se queria um Adjunto de confiança e liberto das quesílias internas, teria que o procurar no exterior. Por outro lado, as características das funções a atribuir a esse Adjunto aconselhavam-me a escolher um militar, tipo de pessoa de um modo geral habituada a liderar pessoal. Também as minhas periódicas ausências no estrangeiro ( conduzia todo um processo de confirmação e reconhecimento internacional da FIL, o que requeria então a minha presença em diversas reuniões com as mais variadas organizações de feiras internacionais ) reforçavam aquela ideia, pois, no meu entender, melhores garantias poderia ter de colaboração aberta e leal.

Depois de algumas buscas sem sucesso, apareceu-me o cap-ten

Zilka

Fernando Luís Caldeira Ferreira dos Santos. Confidenciou-me que a sua carreira naval estava definitivamente comprometida por via do processo "25 de Abril" - onde fora pouco mais que vítima -, pois a Marinha acabara por o considerar um oportunista sem escrúpulos quando nada mais fizera que cumprir as suas obrigações militares e pessoalmente em nada beneficiara com aquele processo, como tantos outros, acrescentava.

A sua imagem aparentava ser a de uma pessoa infeliz e tremendamente frustrada pela injusta perseguição de que se dizia ser alvo por parte da Armada.

Pu-lo a par da sua eventual missão na FIL e dos problemas que iria encontrar. Sem rodeios, avisei-o que um dos primeiros aliciamentos de que iria ser alvo, a todos os níveis, seria a criação de alianças tácticas no sentido de nos dividir, procedimento comum na gestão da AIP-FIL.

Também lhe narrei o passado recente da organização, alertando-o que a missão da FIL era, na sua essência, de instrumento de marketing de amostra de produtos e serviços, em nada tendo que imiscuir-se com política ou partidarismos políticos, sendo que, obviamente, se respeitavam as ideias de cada um como cidadão.

Repetiu-me o cte Caldeira ter estado sempre fora da actividade política e humildemente garantiu-me que, caso o contratasse, nunca se esqueceria do que estava fazendo por ele e

que poderia contar para sempre com a sua total lealdade e colaboração, realçando o facto de já nos conhecermos de longa data e a sua admiração para comigo como homem e profissional da Armada.

O único óbice para aceitar o lugar, situava-se na questão salarial e nas regalias que teria. Mas que contava com o meu esforço para lhe conseguir as melhores condições possíveis.

Dez anos haviam passado sobre a última vez que o vira. Porque muitas coisas já estavam esquecidas, porque a época era outra e porque até aquele momento não tinha sido bem sucedido nalgumas diligências que já fizera, decidi avançar com a sua candidatura para meu Adjunto.

[ Nota: O cte Caldeira Santos fora, em tenente, meu oficial de guarnição quando eu comandara a corveta " João Coutinho " em Moçambique, entre 70-72. Era um oficial bem comportado, cumpridor e dedicado ao serviço, se bem que de competência profissional média. Como características mais salientes sobressaiam: uma educação por vezes tocando as raias da subserviência no seu relacionamento para com os superiores hierárquicos; não possuindo uma inteligência notável nem centelha de senso de humor, promovia uma permanente tónica de seriedade e lealdade para com os chefes, em todos os actos, por vezes mesmo descabidos ( manifestando uma tendência para a fácil crítica destrutiva e até mesmo mesquinha, de terceiros, à qual não era alheio um sentimento de inveja pelos

Zil

mais dotados ou afortunados)

Na altura, eu considerava o cômputo global positivo, pois acreditava que alguns dos aspectos negativos do seu carácter se devessem à sua imaturidade e que, portanto, seriam ultrapassáveis com os anos.

Porém, as nossas relações haviam esfreado durante o ano de 74. Primeiro porque não tinha dúvida nenhuma que este oficial se vingara pessoalmente do comandante Louçã que era comandante da fragata " Gago Coutinho " - onde ele era imediato - no dia 25 de Abril de 1974.

Quando após o "25 de Abril" o encontrei casualmente, perguntei-lhe porque, sabendo ele do que se estava a passar naquele dia, não avisara o comandante Louçã tanto mais que, como era lógico, este, ignorando a questão, só poderia ter procedido como procedera. Acrescentei mesmo que até o próprio procedimento do comandante Louçã fora já malevolamente adulterado. Respondeu-me: " Odiava aquele gajo. Teve o que merecia. Qual é a sua ideia em o estar a defender ? "

Em segundo lugar verifiquei também que a sua conduta se alterara totalmente: do oficial composto, delicado e até subserviente, surgia um novo oficial rancoroso, exibindo um fâcias agressivo e desconfiado.

Nunca mais voltara a ver o tenente Caldeira Santos até o dia em que falámos sobre a ida para a FIL. ]

-----

A Administração da AIP não se mostrara atrevida a aceitar outro militar na sua dotação até porque tinha em mente contratar um elemento civil por ela designado, mas que eu recusara alegando ser pessoa muito pouco adequada ao lugar. Tive pois um trabalho insano para convencer a Administração não só a aceitar o meu candidato como a conseguir-lhe uma remuneração que estava muito acima do previsto. Além de ficar com um salário quase igual ao de um Director foram-lhe conferidas todas as regalias deste cargo.

Durante os primeiros tempos o cte Caldeira apresentou-se tal como eu o conhecera em 70-72. Dedicado, colaborador, e mesmo contra a minha vontade até submisso (repetia-lhe amiudadas vezes: "Não me diga a tudo que sim. Quando não concordar prefiro que mo diga, para podermos analisar o assunto"). Vendia a todo o pessoal da FIL a sua inalienável e indestrutível amizade para comigo, repetindo constantemente a "cassette" da lealdade e do espírito de equipa da Armada, com tal frequência que por vezes até se tornava ridículo.

Defensor que sempre fui da descentralização dos serviços, fui aos poucos delegando nele a maior parte dos assuntos da rotina diária, para mais me ocupar da estratégia e das relações externas nacionais e também internacionais. Para que ele se sentisse perfeitamente integrado e responsável, passei a levá-lo comigo às reuniões da Administração, inicialmente até contra a

Zilka

opinião desta, pois aí só tinham lugar os directores. Pretendia assim dar-lhe prova da minha confiança.

Os primeiros desentendimentos deram-se quando eu notei que certos assuntos do meu pelouro não vinham por vezes ao meu conhecimento e que algumas directivas minhas não eram seguidas na integra, como, por exemplo, assuntos que eu delegara nos serviços e que o cte Caldeira os tinha centralizado em si. Chamada a atenção para o facto justificou-se que assim procedera para, inicialmente, melhor poder dominar os assuntos, o que me pareceu de certo modo aceitável. Determinei-lhe porém que o mais breve possível os fosse delegando de novo. Aproveitou para queixar-se que os chefes de serviço estavam fazendo tudo para nos separar, pois ele, que de mais perto lidava com eles, estava convicto haver muita negligência e corrupção.

A sua política de pessoal foi aos poucos cavando divisões e criando lentamente grupos. Desconfiado por natureza, via conluios e perseguições nas mais pequenas coisas. Diligenciando aparentar uma imagem de incorrupto, levantava problemas constantes, - que iam comprometer, entre outros, pessoal operário - problemas estes que eram, por vezes, totalmente extemporâneos ou ridículos, quando não concertados na sua cabeça. Porém, enquanto assim procedia, promovia junto desse mesmo pessoal operário a imagem de "homem do 25 de Abril" sempre ao lado do trabalhador...

o que me obrigou a ter que lhe recordar que era matéria alheia à nossa missão. Mas eu continuava a acreditar que tal forma de actuar se devia a uma certa insegurança por não estar habituado à sua nova actividade.

Por via das minhas demarches nas relações externas nacionais e internacionais, a actividade da FIL crescera imenso no início dos anos 90; estava também envolvido em vários estudos de ampliação da área da FIL, bem como no projecto do novo Centro de Congressos cuja criação propuzera à Administração. Atingira pois uma situação em que me era vital confiar e delegar cada vez mais no Adjunto.

Fiel aos meus princípios punha sempre o Adjunto a par de toda a minha actividade, embora já tivesse dúvidas quanto ao acerto da minha escolha - até porque as relações de trabalho entre o pessoal pioravam a olhos vistos. Mas nunca me passou pela cabeça que a sua desmedida ambição e deslealdade o levassem ao ponto de me apunhalar pelas costas tanto mais que eu lhe dissera, uns tempos antes, que tencionava abandonar a FIL dentro de poucos anos e que pensava propo-lo para director.

O primeiro desentendimento grave deu-se numa reunião da Administração. O presidente discordara de uma decisão minha e resolvera pô-la à votação da mesa. Previamente, no meu gabinete, havíamos discutido os dois o caso e o cte Caldeira dissera-me que



concordava totalmente com o meu ponto de vista. Na reunião, após discurso persuasivo do presidente, todos foram concordando com ele. Quando chegou a vez do cte Caldeira falar aquele disse-lhe: "como pessoa inteligente que é, julgo que sabe o que vai dizer". E o cte Caldeira deu todo o apoio à opinião do presidente...

Excusado será dizer que o acusei de cobardia, tendo-lhe referido a sua tendência subserviente para estar sempre do lado do mais forte... Foi incapaz de se defender, metendo os pés pelas mãos. Só que eu desconhecia nessa altura que ele antes telefonara ao presidente para saber o que devia fazer. No entanto sabia perfeitamente que eu estava com razão, acabando mesmo, mais tarde, por ser a minha opinião que prevaleceria.

Por esta altura fui avisado que a sua apregoada lealdade para comigo não era linear, porquanto com os seus íntimos criticava decisões minhas ( lembro que todas as decisões eram previamente analisadas em conjunto por nós dois, sendo que o cte Caldeira invariavelmente estava de acordo com as minhas ideias, a despeito de eu insistir em que as discutisse, caso não concordasse). O cte Caldeira defendeu-se deste aviso que me fora feito alegando o intuito de terceiros em nos dividir.

Seguiu-se um período de intrigas e de "caça às bruxas", à mistura com participações do cte Caldeira contra algumas chefias de serviços, normalmente aquelas que por qualquer forma

demonstravam estar mais ligadas a mim ( e que, progressivamente, passou a perseguir). Consegui congelar muitas das participações, pois não tinham qualquer substracto e até eram pueris. Não deixavam porém de causar mal estar. Para alguns dos casos que eu não accionava, cheguei a receber telefonemas do presidente da AIP para "pôr fulano ou cicrano na rua por deslealdade ou corrupção". Quando dizia não haver qualquer motivo nem prova, a resposta que obtinha era que inventasse uma. Como recusasse tais procedimentos, as minhas relações com o presidente até aí normais, começaram a deteriorar-se. Também aos poucos fui constatando que o cte Caldeira se mostrava pretensamente amigo daqueles contra quem tentava envenenar-me, com promessas de promoções ou outras benesses, faceta que originava divisões entre o pessoal.

Pouco tempo depois, fui informado de que cada vez que ia para reuniões internacionais, o cte Caldeira telefonava várias vezes para o presidente perguntando-lhe a opinião sobre os mais diversos assuntos e referindo que..."o comandante Zilhão quer fazer assim, mas eu penso melhor assim...Mas como ele não está cá, eu não posso decidir"...

Como eu tivesse competência para quase tudo e só muito raramente falasse com o presidente, perguntei-lhe que significavam esses sucessivos telefonemas, acrescentando "se são assuntos que tratámos antes de eu sair, faz como acordámos; se

Zilka

acaso são assuntos para os quais não tinha instruções minhas, ou esperam o meu regresso de dias, ou, se são urgentes, faz como melhor entender. Telefonar ao presidente só em casos extremos e urgentes”.

Desculpou-se dizendo que havia exagero e era tendencioso o que me diziam, pois as poucas vezes que falara com o presidente fora por iniciativa deste ( o que era comprovativamente falso ).

Foi também por essa altura que detectei que correspondência endereçada à minha atenção sobre assuntos de relações internacionais não tinha vindo ao meu conhecimento por sua determinação. Pode-se dizer que daí em diante as nossas relações esfriaram muito e passou a ser impossível ignorar a tensão existente. Curiosamente, o cte Caldeira, que mantinha reuniões “secretas” com o vice-presidente executivo da AIP e meia dúzia de pessoas da FIL mais chegadas, continuava a apregoar com insitência junto do pessoal a sua inalienável lealdade para comigo...

Em Junho de 93, chegava eu de uma reunião internacional, fui informado pessoalmente de que, devido às minhas frequentes ausências em reuniões internacionais ( limitavam-se a três ou quatro por ano, por períodos de uma semana... ), era insustentável para o meu Adjunto dirigir no dia dia a FIL sem ter a plena autoridade. Assim, este passaria para director, devendo eu passar

para um novo serviço a criar, de comissário para as relações internacionais.

Ora estas relações internacionais, não só me ocupavam, naquela altura, apenas cerca de três a quatro semanas por ano, como eram uma função inerente ao cargo de director da FIL. Mais ainda: se eu ia aquelas reuniões era por ordem superior e porque ninguém dentro do meu departamento as queria assumir. No caso particular, o meu próprio Adjunto que alegava não estar preparado nem dominar línguas. Era um nítido processo de, não podendo correr comigo da AIP, me colocarem pendurado no espaço, num cargo desprovido de qualquer utilidade. Inclusive, para a própria reunião de que acabara de chegar, estava designada outra pessoa que à última hora se excusou, vim a saber depois que por influência do próprio cte Caldeira, pois precisava que eu estivesse ausente para accionar o seu maquiavélico plano.

Para se ver bem a cobardia e a traição do seu acto, pormenorizo o que se passou no próprio dia em que cheguei. Como hábito, chamei o cte Caldeira ao meu gabinete para me relatar o que de especial se tinha passado durante a minha ausência. Como após meia dúzia de banalidades de rotina, nada mais dissesse perguntei-lhe: "Então você acha que não tem interesse relatar que, na minha ausência, você foi nomeado para o meu lugar?" Ficou muito vermelho e balbuciou que já ouvira falar nisso por alto e que até tinha um recado do vice-presidente para irmos falar com

Zilly

ele.

As restantes palavras foram amargas e rudes, pois disse-lhe tudo o que pensava dele, tendo-lhe chamado desonesto, desleal, covarde e sei lá que mais e que nunca tinha conhecido ninguém tão vil com ele. Manteve-se calado todo o tempo e a sua única reacção foi chorar.

Pouco depois veio ao meu gabinete e pediu-me para sair pois precisava de ir ao ginecologista com a mulher, o que autorizei. Não passaria uma hora, telefonava-me o presidente, furioso, a dizer-me que o Caldeira tinha lá ido queixar-se de que eu o tinha acusado de deslealdade e que já não queria aceitar o lugar, pelo que me aconselhava a demovê-lo dessa ideia. Limitei-me a dizer-lhe que esse era um problema do cte Caldeira e que não retirava uma palavra do que lhe dissera; aliás a mentira que arranajara para ir falar com ele era a melhor prova da sua cobardia.

É óbvio que tudo não passava de uma encenação. Por um lado, o cte Caldeira, fiel ao seu passado e de harmonia com o seu carácter falso e ambicioso, fora criando e fomentando consciente e metodicamente, situações com vista à sua ascensão, apresentando-se sempre como se as ignorasse; por outro, como arditosamente sempre vendera uma imagem de indefectível lealdade para comigo, mostrava agora a sua ofensa por eu estar a reagir mal e não aceitar passiva e humildemente um desfecho para o qual apregoava estar alheio e até ser vítima inocente das

circunstâncias...

Mas as coisas não ficariam por aqui. Tendo eu mostrado o desejo de estar presente na cerimónia de posse para poder despedir-me do pessoal que dirigira durante doze anos, o cte Caldeira convenceu o vice-presidente executivo a mandarem-me a uma reunião no estrangeiro. Por mais que demonstrasse a incoerência da decisão - acabara de vir de uma reunião e esta nova não tinha qualquer interesse - insistiram, alegando ser oportuno como demonstração da importância do meu novo cargo. No entanto prometiam aguardar a minha chegada para a cerimónia da posse do cargo do novo director da FIL.

Quando regresssei, esta já tinha sido feita e dito ao pessoal que eu estava de férias em lugar incerto.

Por seu turno o cte Caldeira fora de férias e dera ordens para, na minha ausência, retirarem todos os meus pertences do meu gabinete que ele iria ocupar, alertando que não voltaria ao serviço enquanto eu lá estivesse, pois não queria encontrar-se comigo.

Durante o período em que, já na AIP, dirigi a área de relações internacionais, o cte Caldeira não perdeu uma única oportunidade de não só dificultar a minha restrita missão, como de tentar denegrir todo o meu anterior trabalho na FIL, inclusive tomando como seus inúmeros projectos e iniciativas que então eu

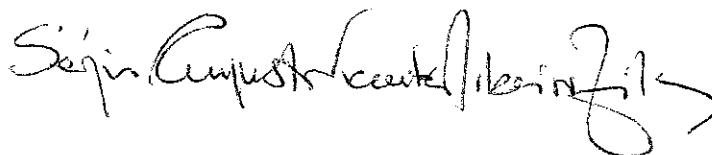
tinha em curso.

Não contente com todo o mal que já me fizera, eu ainda teria que pagar caro o facto de não ter aceite de bom grado o sucedido.

Um ano mais tarde sou chamado ao vice-presidente executivo para negociar a minha saída da AIP: o meu lugar iria ficar sem cabimento porquanto o cte Caldeira requerera para ele a área das relações internacionais, sob o argumento de que à FIL pertencia - razão que, inversamente, havia servido um ano antes para eu ser afastado da FIL.

Finalmente, a sua faceta de prepotência e falsidade para com os seus subalternos e de sabujice e subserviência para com os seus superiores seria mais que confirmada pelas propostas de "despedimento negociado" que viria a fazer, e que afectariam inúmeras pessoas da FIL.

30-OUT-96



Sérgio Augusto Vicente Ribeiro Zilhão  
Cap-Frag Ref